

AS FAKE NEWS SOBRE A CLOROQUINA NA PANDEMIA DE CORONAVÍRUS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DOS VEÍCULOS PLENO NEWS, JORNAL DA CIDADE ONLINE E CONEXÃO POLÍTICA

Artur Alvarez (IC) e Denise Cristine Paiero (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

A abundância de *fake news*, chamada de infodemia por alguns especialistas, com que temos que lidar atualmente no Brasil pode ser especialmente nociva em um contexto de pandemia de Covid-19. A chegada do bolsonarismo ao poder, ligada à ascensão da direita ultraconservadora ao redor do mundo, amplificou essa questão das notícias falsas no país com as eleições de 2018 e, desde então, só aumentou. Com uma população despreparada para lidar com informações manipuladas e um cenário político altamente polarizado, alguns veículos ligados ao conservadorismo e aos seguidores do presidente Jair Bolsonaro se destacam na produção desse tipo de conteúdo. Neste artigo, são analisadas publicações dos portais O Jornal da Cidade Online, Conexão Política e Pleno News a fim de atestar o que as faz críveis e porque elas foram tão compartilhadas pela audiência desses veículos. Para isso, são utilizados os conceitos de *fake news*, pós-verdade e os critérios de noticiabilidade de Nelson Traquina. Entre as descobertas, está a relação de apoio político e/ou ideológico entre esses veículos e o bolsonarismo na questão da cloroquina, pauta em que este estudo focou. Um desdobramento disso seria o apoio mútuo entre essas partes no debate público de outros temas polêmicos relativos à pandemia, como isolamento social, uso de máscaras e a própria gravidade do vírus, sempre com a intenção de manipular a opinião pública em seu favor.

Palavras-chave: *Fake news*, Covid-19, Bolsonaro

ABSTRACT

The abundance of *fake news*, as some specialists call it infodemy, which we have to deal in Brazil nowadays can be particularly harmful in the Covid-19 pandemic context. The bolsonarism, connected with the global rise of the ultraconservative rightwing, amplified our problem with *fake news* during the 2018 presidential elections and, since then, it has only grown. With an unprepared population to deal with manipulated information and a highly polarized political scene, some news vehicles tied with conservadorism and with followers of president Jair Bolsonaro stand out in the production of misinformation. In this article, publications of the portals O Jornal da Cidade Online, Conexão Política and Pleno News are reviewed with the objective of attesting what has made their content so credible and shared among those vehicle's audiences. For this purpose, the concepts of *fake news*, post-truth and the newsworthiness criteria of researcher Nelson Traquina are explored. The study finds that the relationship between those media vehicles and bolsonarism are political and ideological-based in the use of chloroquine, in which this research focused. This conclusion could unfold on the notion that the mutual support between those parts happens in the debate of other polemic topics related to the pandemic, such as social isolation, masks and even the gravity of the virus, always with the intention of manipulating public opinion to its own gains.

Keywords: *Fake news*, Covid-19, Bolsonaro

1. INTRODUÇÃO

A subida ao poder da extrema direita no Brasil, com o bolsonarismo liderado por Jair Bolsonaro, acompanha e é reflexo de uma tendência mundial de ascensão de grupos de extrema direita em países importantes ao redor do mundo: Boris Johnson na Inglaterra, o segundo lugar da candidata de extrema direita Marine Le Pen nas eleições presidenciais francesas de 2017 com 34,5% dos votos, a volta de um partido de extrema direita ao parlamento alemão, nas eleições de 2017, pela primeira vez desde o fim da II Guerra Mundial. Entretanto, para o caso brasileiro, a ascensão de Donald Trump, em 2016, nos Estados Unidos, é a mais importante. O republicano exerce grande influência sobre Bolsonaro.

O ex-deputado federal brasileiro ganhou mais notoriedade e construiu sua reputação durante o impeachment de Dilma Rousseff, em abril de 2016. Pode-se inferir, segundo Nobre (2018), que seja por conta de seu discurso ao votar a favor da abertura do processo administrativo contra a então presidenta, que apresentou antipetismo e valores conservadores e anticorrupção. Seu aumento de popularidade foi meteórico: pouco tempo após esse discurso ele já tinha 7% de intenção de voto, segundo o Datafolha, e Nobre (2018) afirma essa configurou sua base de apoio inicial. Em junho de 2017, o Datafolha já registrava 16% das intenções de voto para Bolsonaro, que se configurou um líder para os “novos” conservadores, descritos por Gallego et al. (2017, p. 45), com “identidade conservadora não neoliberal, punitiva, que toma forma num populismo antipetista e antipolítico”, apesar de ser uma massa ainda não-homogênea nos ideais.

Então, em 2018, Bolsonaro venceu as eleições presidenciais sob fortes acusações de disseminação de *fake news* em redes sociais, principalmente no WhatsApp. Tanto que, atualmente, tramita no Tribunal Superior Eleitoral uma investigação da chapa Bolsonaro-Mourão para averiguar se as acusações conferem e no Congresso Nacional a CPMI das *fake news* foi instalada para investigar a existência de uma rede de produção e propagação de notícias falsas ligada ao governo federal, além do assédio virtual nas redes sociais realizado por parte de indivíduos da base apoiadora do presidente. Ainda não é comprovado que Bolsonaro utilizou *fake news* na ocasião das eleições, entretanto, ele e seus apoiadores produzem e disseminam informações comprovadamente falsas: a mídia desmente frequentemente falas de Bolsonaro e refuta, via agências de checagem, textos com formato jornalístico de diversos portais de direita e conservadores, que apresentam informações falsas e/ou distorcidas, e reproduzem pensamentos da base bolsonarista. Alguns desses veículos são esporadicamente relacionados diretamente com a família Bolsonaro.

Como Bolsonaro não foi o primeiro caso de eleição vencida com *fake news* – Donald Trump trilhou esse caminho dois anos antes –, é possível inferir, em consonância com as

ideias de Ladeira (2020), que a extrema direita se utiliza desse tipo de desinformação como estratégia política. É importante salientar que não é apenas a extrema direita que se utiliza de *fake news*. Para as eleições de 2018, dos 32 partidos, apenas o PT não assinou, junto ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), compromisso contra a disseminação de conteúdos falsos. Dada como certa essa prática também por parte da extrema direita, as “narrativas paralelas traçadas pelos seguidores de Bolsonaro com relação à pandemia contaminam o debate na esfera pública com um assunto tão pungente no momento, que é a saúde pública da sociedade brasileira, que poderia estar ameaçada pelas desinformações – possivelmente fatais.

O coronavírus, ou SARS-CoV-2, é um novo vírus que se acredita ter migrado de morcegos para seres humanos. O primeiro caso confirmado foi em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019, e em fevereiro de 2020 a nova enfermidade chegou ao Brasil. Em março, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia por conta do acometimento de múltiplos continentes do mundo pela nova doença. Até o dia 8 de setembro de 2021, o país registrou que ao menos 584.458 óbitos¹ em decorrência da Covid-19, além de 20.925.889 casos totais da doença no país desde o início da pandemia. Isso muito por conta do governo federal – com Bolsonaro sendo a maior figura disso – demonstrar, em diversas oportunidades, aversão à aceitação da gravidade do vírus, ao uso de máscaras, ao isolamento e distanciamento sociais e ir contra quem incentivasse essas medidas, como prefeitos e governadores, além de recomendar a automedicação da população com remédios comprovadamente ineficazes contra a Covid-19 e nocivos à saúde. Até para conseguir vacinas foi uma batalha travada entre o governo e especialistas, e esse atraso foi um grande motivo de muitas dessas quase 590 mil mortes.

Nesse ínterim, esta pesquisa tem como questão principal a seguinte: como se articulam e se transmitem as informações falsas nas redes bolsonaristas no contexto da pandemia de coronavírus no Brasil?

A análise dessa questão se faz relevante e importante pela concepção de que a disseminação de notícias falsas prejudica o combate à pandemia, visto que a população não tem um preparo adequado para lidar com elas e acaba acreditando no que é veiculado. As *fake news* também prejudicam a efetividade do jornalismo sério, que produz notícias de interesse público, bem apuradas e com fatos – portanto, confiável. Isso porque duas versões diferentes sobre algo gera um ruído no processo de comunicação, o que gera desinformação. Em um contexto de pandemia, as consequências vindas desses fatores podem ser letais,

¹ Números retirado de boletim diário de casos e mortes por Covid-19 no Brasil produzido pelo consórcio de veículos de imprensa, que coleta os dados de maneira independente de todos os estados da federação. Disponível em: <https://glo.bo/3k3oAjX>. Acesso em: 09 set. 2021.

literalmente. E o espalhamento dessas informações falsas também pode contribuir para um colapso sanitário do país. Como agravante, pessoas influentes na opinião pública, tais como o presidente da República, Jair Bolsonaro, atuam na intensificação desse processo e é possível perceber em seus seguidores uma vivência negacionista e de discurso anticientificista internalizado.

Dada a discussão, o objetivo principal desta pesquisa é o de identificar como as informações falsas figuram, em formato jornalístico, em portais conservadores de notícias e como se dá a construção das notícias falsas nesses veículos. A magnitude da disseminação desses conteúdos nas redes bolsonaristas também é um dos indícios a serem observados pela pesquisa. Para isso, os conceitos de pós-verdade, *fake news* e critérios de noticiabilidade – utilizados na produção dessas *fake news* e que devem ser analisados para entender melhor as intencionalidades por trás do processo produtivo – serão empregados nesta análise.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 Referencial teórico

As *fake news*, disseminadas majoritariamente pela internet e redes sociais atualmente, têm um importante papel na imagem construída a respeito da pandemia de coronavírus para o cidadão brasileiro, que tem que enfrentar o SARS-CoV-2 desde o final de fevereiro, quando o vírus chegou ao país. As notícias falsas são apenas um tipo de distúrbio informativo, mas seus efeitos podem ser bem mais devastadores em uma população com índices péssimos de escolaridade - para os brasileiros acima de 25 anos, 52,6% não concluiu o ensino básico; 6,9% não possui instrução alguma e apenas 16,5% têm ensino superior completo, segundo Pnad de 2018 - e com educação midiática também ausente em seu currículo. Por conta desses índices, temos um cenário em que uma quantidade massiva de pessoas é facilmente ludibriada por uma notícia falsa. E, no contexto de uma pandemia, os efeitos disso podem ser nefastos.

O coronavírus, que já era altamente transmissível, agora é mais ainda com a variante delta. Infelizmente, uma quantidade enorme de pessoas não tem condições econômicas ou de formação para lidar com toda essa complexidade de filtrar as informações com as quais tem contato e adotar as medidas profiláticas corretas – de distanciamento, uso de máscara, circulação de ar no ambiente, evitar aglomerações – e isso pode ser apresentar uma calamidade sem precedentes com possível ameaça à ordem social, já precária, do país, especialmente nos grandes centros urbanos. Para dar um exemplo prático, a Avaaz promoveu uma pesquisa em maio que resultou no estonteante número de que aproximadamente 100 milhões de brasileiros acreditaram em ao menos uma notícia falsa a respeito da pandemia de coronavírus, e 60% desses receberam *fake news* pelo WhatsApp e 50% por Facebook.

Também temos outra parcela da população – principalmente o presidente e seus apoiadores – que, desde que o coronavírus “chegou” ao país, desprezou o novo vírus e desacreditou da capacidade de seu impacto no ser humano. Essas pessoas eram contra o fechamento do comércio e o isolamento social, sob a premissa de que isso afetaria a economia nacional. A vazia discussão ‘economia versus saúde’ foi estabelecida e o cenário de extrema polarização política presente no país afetou a discussão a respeito do vírus e de suas consequências. Com isso, a posição a respeito do coronavírus e os comportamentos consequentes disso ganharam fortes traços de posicionamento político, pelo menos para os bolsonaristas, na esteira da mentalidade que Bolsonaro fazia questão de externalizar em seu discurso negacionista, anti-isolamento e anticientífico.

É por isso que as *fake news* mostram-se como algo válido a se apurar minuciosamente, porque representa toda uma mentalidade e, neste caso de calamidade sanitária, tem potencial de ceifar a curto e médio prazo uma quantidade incalculável de vidas e causar danos irreparáveis ao país, tanto por conta do contexto sanitário quanto pelo político.

No ambiente digital, as redes sociais, segundo análise dos filósofos e analistas políticos Fernando Schüller e Pablo Ortellado, em entrevista a Teixeira (2019), adicionaram um elemento diferente ao jogo político, em que essas mídias mais imediatas e de interação diferenciada baixaram o custo para participação efetiva na política. Provavelmente isso contribuiu bastante para a popularização de Bolsonaro, porque lá ele conseguia expressar suas opiniões extremadas à vontade. Assim, a disseminação de *fake news* por esses meios, cimentada como base da nova prática política - ajustada às novas tecnologias - a partir dos episódios do Brexit, em 2016 e das eleições nos EUA, mais tarde no mesmo ano, ajudaram Bolsonaro a vencer as eleições de 2018. Então, as *fake news* impulsionadas pelas redes sociais, e seus algoritmos, somadas ao conceito de pós-verdade – que será elucidado mais para frente – configuram uma combinação extremamente poderosa e efetiva de manipulação da opinião pública.

As notícias falsas são informações deliberadamente falsas veiculadas publicamente que emulam formato jornalístico com a intenção de se fazerem críveis e, conseqüentemente, enganar. Segundo Fernando de Azevedo, as *fake news* “relatam notícias ou histórias que são completamente inventadas, que são falsas e que são usadas para enganar os leitores” (AZEVEDO, 2017, [s. p.]). Ainda de acordo com Azevedo, esses conteúdos falsos podem ter diferentes motivadores, pode ser para difamar o caráter de um indivíduo, marca ou instituição, para gerar lucro, para alterar um cenário político ou até por satisfação pessoal.

Para convencer usuários e torná-los seguidores, são utilizadas várias técnicas, desde a inserção, teor emocional do texto, título atrativo, fotos chamativas e, claro, um ou mais valores-notícia de seleção para chamar a atenção de quem deseja enganar. (APOLLONI; SIMONETTO, 2019, p.8)

As *fake news*, no entanto, apresentam nuances entre si. Segundo pesquisa de 2017 realizada pela First Draft News², da Universidade de Harvard, as sete modalidades diferentes que um conteúdo pode ser manipulado para configurar uma *fake news* e causar desinformação são as seguintes: conexão falsa, quando títulos, parte visual e/ou legendas não condizem com o conteúdo noticioso; conteúdo enganoso, quando é atribuída responsabilidade de determinado fato a determinada pessoa ou organização com objetivo de prejudicar; contexto falso, quando conteúdo genuíno é compartilhado acompanhado de elementos contextuais que distorcem seu sentido original e criam algo falso; contexto manipulado, quando conteúdo genuíno é manipulado com a intenção de enganar; conteúdo impostor, quando se personifica fontes genuínas para atribuir-lhe posições e/ou falas forjadas; conteúdo fabricado, quando é criado um conteúdo 100% novo com o objetivo de enganar e causar danos; e sátira ou paródia, quando um fato propositalmente falso é criado ou manipulado para fins humorísticos, mas que tem potencial de enganar um leitor menos atento ou mais ingênuo.

No contexto nacional, as *fake news* começaram a circular com mais abundância durante as eleições presidenciais de 2018. Ainda nesse ano, a organização Avaaz promoveu uma pesquisa para quantificar o impacto das *fake news* nas eleições. O resultado foi assustador: de acordo com os dados da pesquisa, 98,21% dos eleitores de Bolsonaro foram expostos a pelo menos uma notícia falsa durante o período eleitoral e, desses, quase 90% afirmaram ter acreditado no conteúdo veiculado. Outras *fake news* tais como o Haddad ter implementado o “kit gay” ou a suposta fraude nas urnas eletrônicas para beneficiar o PT atingiram aproximadamente 85% e 93% dos eleitores do Bolsonaro e 83,7% e 74% deles, respectivamente, acreditaram nelas (PASQUINI, 2020). Para Petrola (2019, p.120), a natureza das *fake news* tem relação com signos identitários de segmentos da população, como nos exemplos acima: “o caráter inverossímil de notícias como estas faz pensar que a disseminação de *fake news* não ocorre somente porque as pessoas acreditam nelas, mas como forma de demonstrar adesão ou repúdio a certas plataformas ideológicas”.

Como citados previamente, os valores-notícia, ou critérios de noticiabilidade, são fundamentais para o entendimento da mentalidade do processo produtivo das *fake news*, o que há por trás do texto. Mauro Wolf (apud TRAQUINA, 2005, p.78) define os valores-notícia como “os critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos”, para noticiar um fato em detrimento de outro. Os critérios de noticiabilidade estão divididos em subgrupos:

² Projeto de combate à desinformação online do Centro Shorenstein de Mídia, Política e Políticas Públicas da Escola de Governo John F. Kennedy, da Universidade de Harvard. Disponível em <https://bit.ly/2YGoE0B>. Acesso em: 27 jun. 2021.

os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção, sendo que os de seleção se subdividem em critérios substantivos e em critérios contextuais.

Considerados os mais importantes para a seleção – que atuam diretamente na escolha de um fato para se noticiar, por isso o nome –, os critérios substantivos de noticiabilidade formulados por Traquina (2005) são morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito/controvérsia e infração. Desses, cinco critérios serão mais úteis para esta pesquisa: “onde há morte, há jornalista”, observa assertivamente Traquina (2005, p.79) sobre o critério da morte; no da notoriedade, Traquina (2005, p.80) diz que “o nome e a posição da pessoa são importantes como fator de noticiabilidade”, porque o interesse público circunda essas pessoas em evidência; o critério da relevância diz respeito à “capacidade de um acontecimento de incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação” (TRAQUINA, 2005, p.80); e o critério tempo pode ser dividido em três tipos, um é quando uma notícia é trazida pela sua atualidade, o segundo diz respeito a efemérides e o terceiro é quando um fato perpassa os limites da noticiabilidade imediata e tem validade estendida ao longo do tempo.

Os valores-notícia de construção, que dizem respeito às diretrizes levadas em consideração no momento da redação do texto – então o produto final tem tudo a ver com esses – também serão importantes para esta análise, principalmente os valores da dramatização e da consonância. Segundo Traquina (2005, p.92), “por dramatização entendemos o reforço dos aspectos mais críticos, o reforço do lado emocional, a natureza conflitual” do fato. Já o valor da consonância se demonstra na medida que “quanto mais a notícia insere o acontecimento numa ‘narrativa’ já estabelecida, mais possibilidades a notícia tem de ser notada” (TRAQUINA, 2005, p.93).

É preciso, agora, contextualizar o fenômeno da pós-verdade com o sucesso das notícias falsas. Steve Teisch, dramaturgo sérvio-estadunidense, cunhou esse termo em 1992 no contexto dos casos Watergate, Irã-Contras e a Guerra do Golfo (Quintino, p. 336) e basicamente fala sobre como a convicção arraigada na mente do receptor de uma informação às vezes é mais importante do que a ponderação racional. Segundo Apolloni et al (2019, p.9), “a pós-verdade é uma opinião que foi tão reforçada a ponto de ser considerada pelo público que a absorveu como mais relevante do que o próprio fato”, ou seja, configura um sistema de recompensa e bem-estar para o indivíduo ao incorporar uma mensagem que, verdadeira ou não, esteja de acordo com sua visão de mundo.

Importada dos Estados Unidos pelo Brasil, a pós-verdade nasce da mistura de diversos fatores. Um deles é a resposta da população frente às mentiras dos políticos como arma de propaganda política e coesão social, normalizada com o tempo, no âmbito de tantos escândalos institucionais. (QUINTINO, 2019, p.342)

Com esse mecanismo, os políticos atualmente conseguem se livrar de acusações das mais hediondas com a criação e a disseminação de informações falsas ou com a distorção de fatos, porque a resposta do público mudou. E os candidatos e governantes que souberem utilizar com maestria as redes sociais e as técnicas da “narrativa alternativa” das *fake news* melhor se darão no jogo político pós-moderno – isso tudo ajuda a explicar o sucesso da família Bolsonaro.

No Brasil de 2020, multiplicam-se, infelizmente, os difusores de informações que não prezam pela qualidade do material que produzem ou reproduzem, muitos dos quais estimulados e/ou patrocinados por instituições da sociedade civil. (PAIERO; SANTORO; SANTOS, 2020, p.141)

Com o cenário ultrapolarizado na política brasileira, construído aos poucos desde 2013 mas principalmente a partir da ascensão de Bolsonaro, temos que as *fake news* são um fator extremamente poderoso para continuar alimentando os bolsonaristas com “fatos alternativos” para manterem a base do governo de Bolsonaro blindada ante uma oposição deficiente de credibilidade e que sofre ataques diários, mas valente, que é a mídia tradicional. No atual cenário, também, temos que o debate é praticamente inviável, porque não há troca de argumentos racionais, tamanha a polarização e tensão entre as partes.

2.2. Metodologia

Para a realização da pesquisa, foram analisados conteúdos jornalísticos produzidos por portais de notícia conservadores, que dialogam com a rede bolsonarista pelo evidente alinhamento dos discursos, o que pode ser comprovado nos números de engajamento dessas matérias.

Foram escolhidas três matérias: uma do Jornal da Cidade Online, outra do Conexão Política, e outra do Pleno News. O Jornal da Cidade Online e o Conexão Política são dois dos primeiros alvos da iniciativa Sleeping Giants Brasil, por justamente serem veículos com grande expressividade entre a rede bolsonarista. A iniciativa – atuante majoritariamente no Twitter, mas com páginas no Instagram e no Facebook – combate esses veículos conservadores disseminadores de conteúdos falsos por meio da tentativa de retirada de anunciantes de seus sites. Informalmente, a conta apura as empresas que aparecem nos anúncios de páginas dos sites e as notifica sobre a vinculação do nome da empresa com um veículo disseminador de *fake news*.

O critério para a coleta das *fake news* foi pela escolha de materiais checados pela agência de checagem de fatos chamada Comprova, que é uma coalizão que reúne 28 veículos na checagem de conteúdos sobre coronavírus e políticas públicas, entre eles Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, SBT, Uol e Piauí. Segundo a plataforma, seu objetivo é

“identificar e enfraquecer as sofisticadas técnicas de manipulação e disseminação de conteúdo enganoso” (SOBRE O COMPROVA, 2018) em redes sociais e outros sites.

A escolha para as matérias a serem analisadas foi orientada em torno de conteúdos produzidos a respeito da cloroquina. A ideia de que um remédio – que já existe e é utilizado há muito tempo para tratamento de malária e lúpus – seria útil no combate à Covid-19 casou com as ideias de negacionistas da pandemia, que tratam do remédio como uma solução ‘perfeita’ para a Covid-19. Pouco tempo após o surgimento da discussão acerca da cloroquina, os presidentes Donald Trump e Jair Bolsonaro e seus respectivos seguidores iniciaram uma defesa ferrenha do uso do medicamento para o tratamento – preventivo e precoce à infecção – e o remédio foi politizado, assim como outros aspectos da pandemia.

Apesar de toda a defesa do uso da cloroquina – até de outros remédios como azitromicina, remdesivir e ivermectina –, a ineficácia do medicamento foi comprovada logo: diversos estudos realizados com o padrão ouro – que exige testes ‘cegos’ com grupos de controle e o uso de placebos – como os publicados no *Journal of the American Association (Jama)*, no *British Medical Journal (BMJ)* e no *New England Journal of Medicine (NEJM)* desmentiram a suposta eficácia da cloroquina no tratamento da Covid-19. O teste “Recovery”, feito pela Universidade de Oxford e publicado em 5 de junho de 2020, classificou o remédio como “inútil”. Inclusive, alguns dos estudos realizados já chamavam a atenção para possíveis efeitos colaterais que seu uso poderia acarretar, como os riscos de arritmia cardíaca. A OMS interrompeu os testes com a cloroquina em 17 de junho de 2020 e em março de 2021 desaconselhou seu uso como tratamento preventivo da Covid-19.

Entretanto, Bolsonaro e sua base se mantêm firmes até hoje no remédio. Diversas pessoas tomam cloroquina e azitromicina de forma preventiva e, quando se curam, atribuem sucesso aos medicamentos. O presidente, inclusive, divulgou amplamente que se medicava com a cloroquina quando contraiu a Covid-19 em agosto de 2020 e atribuiu sua melhora ao remédio. Ele também distribuiu, por meio do Ministério da Saúde, milhões de pílulas de cloroquina e outros medicamentos aos estados brasileiros via ‘kit-Covid’, que é composto principalmente de pílulas de ivermectina, cloroquina, hidroxicloroquina e azitromicina. Mandou ainda o exército produzir, por meio do Laboratório Químico e Farmacêutico (LQFEx) da instituição, comprimidos de cloroquina. Foram 3,2 milhões de comprimidos produzidos em 2020, quantidade 25 vezes maior que a produção habitual por ano da droga.

Foi empregado um método de análise qualitativa das *fake news* escolhidas de acordo com os postulados que guiam a produção jornalística profissional, com o intuito de descobrir quais mecanismos os produtores desses conteúdos se utilizam para transmitir verossimilhança ao leitor e conseguir controlar a narrativa e espalhá-la.

Foram observados nas matérias, principalmente, os seguintes pontos: a utilização da linguagem e dos recursos jornalísticos para dar veracidade aos textos, os tipos de fontes citadas, o uso de imagens e a organização visual do material, a ligação do material com assuntos que figuravam no debate público no momento e o enfoque dos assuntos mais abordados. Dentro dessas questões mais amplas, a pesquisa tentou observar todos os detalhes importantes que compõe um texto e que estavam presentes nos conteúdos: títulos, linhas finas, uso de aspas, categorização do conteúdo dentro do site, lide, pirâmide invertida, seccionamento por subtítulos, assinatura do texto.

Para tentar entender um pouco mais o alcance desses conteúdos que desinformam e como eles se espalham pela rede bolsonarista, uma atenção especial será dada aos números dessas publicações nas redes sociais.

2.3. Resultados e Discussão

Uma reportagem da Agência Pública de 31 de agosto de 2020 revelou a intensa relação entre o Grupo MK, dono do Pleno News, e a família Bolsonaro. Segundo o texto, o senador Arolde – ele e sua família são donos do MK – e Jair Bolsonaro se aproximaram em 2018 e fortaleceram as campanhas um do outro. O grupo gerencia o canal do Youtube de Flávio Bolsonaro, filho do presidente. “A aproximação com os políticos – em especial os do clã Bolsonaro – também faz parte da marca do Pleno.News” (RUDNITZKI; SCOFIELD, 2020). Em editorial publicado no veículo no dia 8 de abril de 2019, Virgínia Martin, editora-chefe do portal, escreveu: “Se eu defendo Bolsonaro? Sim. Somos Pleno.News. E somos todos pela figura incomum deste presidente”. A reportagem também cita “desinformações e escândalos do Grupo MK” e que o grupo “foi precursor no uso político de mídias evangélicas”, e isso inclui o Pleno News. Com a chegada da pandemia, o portal passou a dar manchetes como “Sol forte pode matar coronavírus em 34 minutos”, algo infundado.

O site, que promete em seu slogan “notícias de verdade”, é na realidade “um dos portais religiosos que mais publica material desinformativo”, segundo a jornalista Magali Cunha, doutora em ciências da comunicação e integrante do Coletivo Bereia – uma iniciativa de checagem de fatos publicados em mídias religiosas. (RUDNITZKI; SCOFIELD, 2020)

Reportagem de 24 janeiro de 2019 da Época apurou as origens do Conexão Política. Segundo o texto, o político Alexandre Knoploch é amigo de Flávio Bolsonaro, que o ajudou a se eleger deputado estadual no Rio de Janeiro pelo PSL em 2018. O assessor de Knoploch à época era Davy Albuquerque, editor-chefe do ainda incipiente Conexão Política. Com as conexões, o veículo conseguiu financiamento para abrir seu site, “um jornal on-line que se diz independente, mas que apoia abertamente os militares, o governo Bolsonaro, o PSL e que reserva um bom espaço para a defesa de Flávio Bolsonaro” (ABADE, 2019). Por tudo isso, a reportagem ainda classificou o conteúdo produzido como assessoria e com “títulos que

chamam a atenção, textos rasos – ou inexistentes –, um conteúdo perfeito para quem não quer se informar, só compartilhar a raiva”.

O Jornal da Cidade Online tem atualmente o seu fundador, o jornalista e advogado José Pinheiro Tolentino Filho, sendo investigado pela CPMI das *fake news* por conta de o veículo possivelmente estar integrado a uma espécie de milícia digital montada para apoiar o governo Bolsonaro por meio da disseminação de *fake news*. O viés ideológico, mesmo Na página do site “por que assinar?”, um texto com viés ideológico destaca a liberdade de expressão, pauta constante da direita conservadora, traz discurso com insultos à “extrema imprensa” e aos progressistas e narrativa de ‘nós contra eles’, além de afirmar que fazem jornalismo independente e sério. “O objetivo de calar todas as expressões do conservadorismo e do liberalismo avessos ao socialismo e ao comunismo é claro”, diz um trecho.

I – Pleno News

A matéria do portal Pleno News intitulada “Bolsonaro: Cloroquina poderia ter evitado as 100 mil mortes” (DORIA, 2020), publicada dia 13 de agosto de 2020, produz notícia a partir de fala do presidente Jair Bolsonaro em viagem a Porto Futuro, no Belém. Segundo checagem da plataforma Comprova publicada em 14 de agosto de 2020, a fala de Bolsonaro de que “a utilização da cloroquina no tratamento - precoce ou não - contra a Covid-19 poderia ter salvado 100 mil vidas” contém informação falsa, que desorienta o leitor. O texto também traz Bolsonaro afirmando que “é prova viva que deu certo”, o que não apresenta qualquer embasamento científico nem desmente as provas a favor da não recomendação do medicamento para o tratamento de Covid-19 adotada pela OMS. Alguns aspectos do texto próprios do jornalismo serão apresentados a seguir.

O título traz uma fala do presidente – fala forte, de acordo com o escopo jornalístico – sobre a cloroquina, mas não explicita a ineficácia do remédio para tratar a Covid-19. Do modo que está redigido, pode-se dizer que é favorável ao presidente, porque traz sua fala e perpetua seu discurso. As mesmas ponderações podem ser feitas para a linha fina, que traz a aspa de que o presidente alega, levemente, ser a “prova viva” da eficácia.

É possível perceber que alguns critérios de noticiabilidade de seleção, como teorizados por Traquina (2005), se destacam para transformar o fato noticiável – as declarações de Bolsonaro – em um produto de formato jornalístico e atrair a atenção de seu público. O valor-notícia da morte aparece na fala de Bolsonaro, principal aspecto a ser reportado e a fala em si, apesar de infundada, foi uma declaração forte e que está no título da publicação. A notoriedade do personagem envolvido – o presidente da República Jair Bolsonaro – também é um critério de noticiabilidade importante, o que ele faz e diz é

importante para sua base de apoio e para a sociedade brasileira e logicamente tem grande relevância, outro critério de noticiabilidade presente. Em termos de valores-notícia de construção, o critério de consonância é muito importante aqui. Pelo modo como a fala de Bolsonaro foi retratada, há uma adequação à narrativa de que a cloroquina funciona contra a Covid-19, que se soma a outros conteúdos distorcidos e falsos já produzidos sobre o assunto – por esse e outros veículos – e são incorporados e utilizados pelos bolsonaristas em sua retórica, além de contribuírem para enganar. A novidade e o tempo também são valores-notícia de seleção a serem observados nesta análise, porque, na publicação, a fala do presidente foi além, quantificou com número expressivo uma possível eficácia do remédio que vinha promovendo desde o começo da pandemia, caracterizada como tal em março de 2020 e um tema atual pela persistência da circulação do vírus – 1º aspecto do fator tempo (TRAQUINA, 2005, p.81) – e continuará relevante por muito tempo – 3º aspecto (TRAQUINA, 2005, p.82).

Algo que também chamou a atenção neste texto são as imagens. É comum em textos jornalísticos haver ao menos uma imagem, localizada entre título/linha fina e texto, para ilustrar a matéria. Preferivelmente, a imagem pode ser do fato relatado ou, caso não seja possível, uma imagem metonimicamente representativa é escolhida. No caso, a matéria apresenta um carrossel de 31 fotos da visita do Presidente. A quantidade de fotos é atípica, o que pode representar um favorecimento ao presidente, no sentido de dar maior apelo à sua figura política. E essa quantidade de fotos pode causar aproximação involuntária e até imperceptível do leitor com a figura de Bolsonaro.

Em certo momento, há a recapitulação de fato anterior, de quando Bolsonaro pegou Covid, para contextualizar a fala do presidente, em que ele seria a “prova viva” de que a cloroquina funciona, já que supostamente fez uso do medicamento quando infectado. O terceiro parágrafo pode ser interpretado como uma contextualização complementar à do fato principal da notícia, prática comum no jornalismo hard news, que apresenta lide e fala (jornalismo declaratório) do personagem nos dois primeiros parágrafos, para depois dar uma contextualização maior no terceiro parágrafo. O uso da ferramenta jornalística de subtítulos nesta matéria permitiu separar assuntos e fazer contextualização complementar sobre a razão do presidente estar em Porto Futuro e outras circunstâncias da situação que tenham potencial jornalístico, a exemplo de quem o acompanhava e como ele foi recebido.

Ao final da matéria, há um box escrito “comunicar erro”, que normalmente é utilizado para que leitores possam avisar o veículo de algum erro na matéria. Essa prática jornalística denota transparência, dá a entender de que a redação do veículo está aberta a correções de eventuais erros.

Com as observações, temos, portanto, que a matéria simula o formato jornalístico, mas, neste caso, basicamente desempenha função de assessoria de Bolsonaro, porque não contempla os contrapontos necessários à sua fala, que contém erros. Apenas dá voz e divulgação ao presidente e reforça a visão de sua base apoiadora, que se alimenta do que ele faz e diz. Isso tudo pode prejudicar o discernimento de um leitor mais ingênuo ou que não saiba lidar com um material desses.

Esse conteúdo se disseminou na rede bolsonarista rapidamente. Em apenas 4 horas após a publicação, o conteúdo enganoso, que foi divulgado no perfil do Pleno News no Facebook, obteve mais de 13,2 mil interações – 1,4 mil comentários, 1,8 mil compartilhamentos e 10 mil reações. Considerando os possíveis alcances que todas essas interações geraram apenas nessa rede social, a *fake news* em questão mostra nos números que reforça o discurso bolsonarista sobre a hidroxicloroquina ser eficaz. Hoje em dia, esse número é ainda maior: a publicação está com 23 mil interações - 17 mil reações, 2,1 mil comentários e 3,9 mil compartilhamentos.

II – Jornal da Cidade Online

A matéria do portal Jornal da Cidade Online originalmente intitulada “OMS pede desculpa pelo erro na controvérsia sobre a hidroxicloroquina” (REDAÇÃO, 2020), publicada em 7 de junho de 2020, traz o pedido de desculpas da OMS sobre a retirada de publicação no periódico britânico *Lancet*, uma das mais conceituadas no meio científico, de estudo que afirmava a ineficácia da cloroquina contra a Covid-19 – à época, o remédio estava sob testes.

Segundo checagem da plataforma Comprova publicada em 12 de junho de 2020, o texto engana o leitor ao dar a entender que a OMS estava se desculpando por ter interrompido as pesquisas com o medicamento, no sentido de que ele funcionaria contra a Covid-19. Na realidade, o diretor-executivo do Programa de Emergências em Saúde da OMS, Mike Ryan, estava se desculpando com a população mundial pelos numerosos pronunciamentos acerca do vai e volta das pesquisas com o medicamento, normais do processo científico, segundo ele, mas que podem confundir a população. Seis dias após a checagem, a matéria foi atualizada: o aspecto enganoso da matéria foi retirado. Entretanto, entre a publicação e a retificação, o texto foi muito compartilhado nas redes bolsonaristas e conseguiu uma projeção massiva – ou seja, fez seu ‘estrago’. Com a atualização, o título foi ajustado e trechos importantes do final foram retirados, como será visto no próximo parágrafo. A primeira versão do texto foi resgatada graças à ferramenta Wayback Machine, do Internet Archive.

No topo da página, acima do título da matéria, o texto está na categoria “Saúde”, e não na “Opinião”, o que dá a entender que se refere à publicação de um fato no formato de nota jornalística, e não uma opinião autoral, mas não é o que parece no trecho “Normal??? Parece

que a OMS deve novo pedido de desculpas...” da versão original. Entretanto, essa fala, que vai contra o fundamento do gênero jornalístico nota, dialogou bem com as opiniões do público-alvo do veículo, visto a propagação do texto.

Alguns critérios de noticiabilidade, segundo teorizou Traquina (2005), se destacam na publicação e merecem análise. Sobre os valores-notícia de seleção, o inesperado, que diz respeito a “aquilo que irrompe e que surpreende a expectativa da comunidade jornalística” (TRAQUINA, 2005, p.84), é um dos aspectos mais importantes, junto com a notoriedade do ator do acontecimento, outro fator: trata-se da OMS, autoridade mundial da Saúde, pedindo desculpas publicamente a respeito dos avanços e retrocessos das pesquisas com a cloroquina tornados públicos. Mesmo o teor das desculpas ter sido algo menos significativo, apenas para esclarecer, o fato foi algo importante e onde a manipulação de sentido ocorreu. Com o pedido de desculpas, essa manipulação, se bem feita, seria impactante no meio bolsonarista porque, além dos fatores citados, há o valor-notícia da relevância: o assunto do pronunciamento da OMS era a cloroquina, remédio que poderia potencialmente servir de combate à Covid, como essa parcela da população acredita, e a informação manipulada no sentido de o órgão de Saúde estar retirando afirmação contra o remédio previamente feita seria uma espécie de “vitória”.

Os critérios de noticiabilidade de construção de dramatização e de consonância também têm grande papel nessa publicação. O trecho “Normal??? Parece que a OMS deve novo pedido de desculpas...” ao final do texto original representa o critério da dramatização na medida em que deixa evidente uma opinião e tem diálogo com a mentalidade do público-alvo do veículo, que já contestava a autoridade da OMS nas decisões e falas desde o início da pandemia. A consonância aparece na adequação à narrativa de que a cloroquina funciona, ideia difundida nesse grupo e já estabelecida por outros conteúdos falsos e distorcidos previamente produzidos, compartilhados e discutidos.

O título da matéria original é um dos aspectos mais importantes porque, da maneira como está redigido, distorce a fala da OMS. Traz o fato, mas manipula seu sentido para o lado da argumentação de base seguidora bolsonarista, de que a cloroquina de fato funciona e que a OMS não quer dar o braço a torcer e objetiva colocar medo na população por vetar um remédio viável, segundo sua visão.

Os personagens envolvidos no fato principal postulado pelo texto são bem identificados e são fontes de autoridade. A revista britânica *Lancet*, a OMS e seus representantes – Mike Ryan, diretor-executivo para emergências da OMS, e Soumya Swaminathan, chefe de estudos científicos da OMS. Há grande utilização de citações diretas de falas dos personagens envolvidos no pronunciamento e são trazidas no formato de aspas,

prática comum no jornalismo. Após as aspas, há a identificação de quem falou aquilo junto de um verbo *discendi*.

O alcance massivo que esse texto teve na base bolsonarista demonstra que a fala da OMS foi manipulada com grande sucesso pelos produtores dessa *fake news*, com os critérios de noticiabilidade tendo sido muito bem trabalhados. Os números mostram isso: em cinco dias, entre a publicação, no dia 7 de junho de 2020, e o dia 12, data da publicação da verificação pelo Comprova, o site conservador acusava mais de 97,4 mil compartilhamentos daquela publicação, em diferentes redes sociais. Hoje em dia, esse número é de 148,3 mil.

III – Conexão Política

A matéria do portal Conexão Política intitulada “Estudo ambulatorial de Dr. Zelenko constata que uso precoce de zinco, hidroxicloroquina e azitromicina está associado a menos hospitalizações e mortes” (GARCIA, 2020) foi publicada dia 16 de julho de 2020 e trata de um estudo que o doutor Vladimir Zelenko fez de modo retroativo em que ele afirma comprovar a eficácia de quase 100% da cloroquina, em associação com azitromicina e zinco, no tratamento precoce da Covid-19. A publicação foi removida em algum momento de 2021 e foi resgatada para esta análise por meio da Wayback Machine, do Internet Archive, que armazena páginas da web sob demanda.

O texto atribui, em consonância com o estudo de Zelenko apresentado, a baixa mortalidade de pacientes com Covid-19 à ministração do coquetel de hidroxicloroquina, azitromicina e zinco, mas não há evidências suficientes de correlação. Segundo checagem do veículo O Estado de S. Paulo na plataforma Comprova, mesmo com a publicação do estudo em periódico científico, em dezembro de 2020, afirma que a pesquisa não seguiu o padrão ouro na metodologia, o que dá brechas para possível enviesamento em prol de um resultado desejado – essa hipótese também é reforçada pelo fato do estudo de Zelenko ser retroativo, ele pôde escolher os pacientes analisados.

É importante reparar que esse texto, atribuído à Thaís Garcia – cristã e correspondente internacional do veículo na Europa, como se descreve – foi copiado em sua íntegra do site The Internet Protocol. Thaís também utiliza como título e linha fina para sua publicação no site conservador a tradução imediata de título e linha fina de release publicado pelo próprio Zelenko na plataforma PR Newswire.

O título mostra uma associação entre o estudo de Zelenko faz entre o coquetel de drogas e a supostos índices menores de hospitalizações e mortes por Covid-19, estabelecido pelos supostos resultados do estudo. Na linha fina, essa ideia é reforçada com o dado chamativo de 99% de sucesso do medicamento, algo inclusive considerado inviável para os padrões científicos – mas que dialoga com a narrativa da “bala de prata” contra a Covid-19

que bolsonaristas atribuíram ao remédio. Mas esses títulos e números, na realidade, não passam de informação enganosa e podem ser feitos por questão ideológica, porque a ineficácia desses medicamentos já era posta, mas mesmo assim essas pessoas fazem o uso da cloroquina e da ivermectina e os divulgam.

Alguns critérios de noticiabilidade, segundo Traquina (2005), podem ajudar a explicar como esse conteúdo enganoso foi trabalhado. Os valores-notícia de seleção mais importantes aqui são os de relevância, novidade e tempo. A relevância se dá pela apresentação de um estudo da cloroquina, remédio muito falado a respeito de uma possível eficácia no tratamento contra a Covid-19 e elemento principal desse estudo, junto com azitromicina e zinco. A relevância também poderia se dar pelas qualificações dos médicos responsáveis pela pesquisa. Os critérios da novidade e do tempo atuam aqui, respectivamente, de modo que a publicação traz um estudo recém-publicado e com números chamativos, e que o debate da cloroquina está inserido no contexto da pandemia, tema atual – 1º aspecto do fator tempo (TRAQUINA, 2005, p.81) – e que ainda perdurará por muito tempo na discussão da esfera pública – 3º aspecto (TRAQUINA, 2005, p.82).

Os valores-notícia de construção de amplificação e consonância são igualmente importantes na análise desse conteúdo. Amplifica-se o estudo e o conteúdo da publicação do veículo ao trazer as aspas excessivas dos realizadores do estudo, para dar mais importância e validade, assim como ao discorrer rapidamente sobre a carreira de cada coautor do estudo. O critério de consonância figura no texto na medida em que, por meio dos resultados positivos de um teste científico aparentemente confiável sobre a cloroquina, reforça-se com números concretos o discurso de que o medicamento funciona no combate à Covid-19 e o conteúdo se encaixa nessa narrativa estabelecida e acrescenta à “discussão”.

Os diversos dados, resultados, números e parâmetros da pesquisa servem para dar um maior embasamento para os resultados. Após a apresentação desses números e suas circunstâncias, aspas dos doutores coautores do estudo são utilizadas em abundância, o que pode ser interpretado como um mecanismo para justamente dar a credibilidade que falta à pesquisa, para ficar crível. A busca por uma maior credibilidade também pode ficar implícita no parágrafo sobre a carreira de cada doutor, ao final. Após a conclusão, são apresentados alguns links que o leitor pode acessar para se inteirar mais sobre o assunto, prática chamada de serviço no jornalismo.

Este material ganhou certa repercussão na comunidade brasileira na época de sua publicação. No Twitter, rede principal do Conexão Política, essa notícia teve um total de aproximadamente 7,4 mil interações, entre comentários, retweets e curtidas. Somando-se os quatro tweets que o veículo fez de diferentes matérias sobre o Zelenko – todas eles, direta ou

indiretamente, sobre o mesmo estudo –, as interações somam 23,6 mil. No Facebook, os quatro posts sobre o doutor somam 9,3 mil interações, entre reações, comentários e compartilhamentos.

IV – Elementos em comum, audiência e consequências das *fake news*

O lide, que tem o propósito de falar rapidamente sobre o principal do assunto da notícia e geralmente tem aquelas famosas seis perguntas de contextualização como guia – o quê? quem? quando? onde? como? e por que? –, de todos os textos analisados são bem organizados. Respondem às perguntas, deixando claros o fato, sua contextualização e os personagens envolvidos. Os textos também seguem o modelo de pirâmide invertida, formato típico do jornalismo em que a disposição das informações segue uma ordem de relevância e abrangência específicas, sendo que as informações principais e mais abrangentes são priorizadas e as informações seguintes são dispostas até que se chegue à informação de maior especificidade.

A audiência geral desses sites também pode ser usada como parâmetro para demonstrar o sucesso desses portais em sua estratégia de propagar *fake news*. Dados de audiência dos sites Jornal da Cidade Online e Conexão Política levantados pelo Aos Fatos mostram que em abril de 2020, período em que o alvoroço a respeito de cloroquina e isolamento social estava alto por conta da fase inicial da pandemia no Brasil, o Jornal da Cidade Online acumulou 34,1 milhões de visualizações em seu site, já o Conexão Política teve 5,1 milhões. E a audiência desses sites entre outubro de 2020 e agosto de 2021, segundo a plataforma SimilarWeb, foi, em média, 16,7 e 2,5 milhões de acessos, respectivamente – quedas de aproximadamente 51% nos dois casos.

Uma pesquisa da Associação Médica Brasileira³ realizada em janeiro de 2021 com 3.882 profissionais de Medicina de todas as regiões do país quantifica como essa desinformação toda pode ter um efeito devastador em quem consome esse conteúdo:

(...) a assistência [médica] é impactada por recorrentes *fake news* e informações sem comprovação científica. Somam mais de 9 entre 10 (91,6% dos pesquisados) os que citam interferência negativa das notícias falsas, como o descrédito da Ciência, a dificuldade de os pacientes aceitarem as decisões dos profissionais de Saúde, o desprezo às medidas de isolamento e pressão para que sejam receitados medicamentos sem comprovação científica de eficácia. (ACONTECE COMUNICAÇÃO E NOTÍCIAS, 2021)

O estudo relata também que “outra consequência relacionada às *fake news* e à desinformação proposital se dá no descomprometimento de parcela da população com as medidas de prevenção ao novo coronavírus”. 50,5% dos entrevistados afirmaram que a

³ Pesquisa “Os médicos e a pandemia de Covid-19” feita pelo Acontece Comunicação e Notícias. Disponível em <https://amb.org.br/noticias/pesquisa-inedita-os-medicos-e-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em 05 mai. 2021.

adesão em nenhuma das orientações profiláticas anticontágio – como evitar aglomerações, o uso de máscara, isolamento e distanciamento sociais, ventilação do ambiente e isolamento imediato mediante sintomas – é suficiente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dadas as análises dos conteúdos, fica evidente a relação entre os portais Jornal da Cidade Online, Conexão Política e Pleno News e a pauta bolsonarista do uso da cloroquina e de outros remédios como tratamento – precoce ou não – da Covid-19, apesar de não haver embasamento científico suficiente apresentado nos conteúdos analisados e com a ineficácia dos medicamentos comprovada e divulgada por estudos científicos de padrão ouro. Pela proximidade de ideais e o diálogo fluente entre os conteúdos produzidos e a bolha informativa conservadora, mais especificamente bolsonarista, também é possível inferir que haja um alinhamento de visões acerca de outras pautas de narrativa alternativa relativas à pandemia, como a contrariedade ao isolamento social, à OMS e à gravidade da pandemia no geral.

Por meio da análise das minúcias do formato jornalístico presentes nos textos coletados e juntamente com os critérios de noticiabilidade de Nelson Traquina, foi possível comprovar que esses conteúdos, que simulam a prática jornalística mas que apresentam alguma irregularidade segundo as nuances de *fake news* apresentadas pelo First Draft News, realizam de fato um simulacro do formato consagrado pelo Jornalismo profissional – que tem confiabilidade atribuída – para distorcer fatos e contextualizações e, com isso, enganar ou reforçar uma visão de mundo ao mesmo tempo que suplanta o alcance da informação correta da mídia tradicional ou alternativa comprometida com fatos e um trabalho sério.

Os postulados que levam à produção de conteúdos dessa natureza dialogam proximamente com a pós-verdade, na medida que, em nossa atual realidade de contato constante com meios digitais e redes sociais, as pessoas por vezes se importam menos com fatos do que com conteúdos que elas consomem e, mesmo não sendo totalmente verdade, acreditam e compartilham, porque aquilo reforça sua visão de mundo e traz conforto epistêmico. Em um cenário como o atual brasileiro, de cada vez mais polarização entre dois grupos, os bolsonaristas e o resto da sociedade de um modo geral, agravada ainda mais pela pandemia de Covid-19, essa prática de *fake news* fica cada vez mais propensa de acontecer, mas, desta vez, isso pode afetar diretamente a saúde pública.

As *fake news* escolhidas para esta análise se destacaram em ludibriar e gerar debate, cada uma à sua maneira: na do Pleno News, o mais impactante foi a exploração de declaração forte dada por Bolsonaro; na do Jornal da Cidade Online, houve a subversão de fala da OMS, órgão notório, no sentido de refutar contra-argumento dos críticos da cloroquina para tratamento da Covid-19; e na do Conexão Política, um estudo com números expressivos

acerca desse mesmo medicamento é explorado ao máximo para dar credibilidade. Cabe a agências de checagem como a plataforma Comprova, utilizada como suporte a esta pesquisa, o trabalho de desmentir esses conteúdos que, se bem trabalhados e com critérios de noticiabilidade bem definidos, podem ser realmente nocivos para o debate público – cada vez mais digitalizado.

4. REFERÊNCIAS

ABADE, Daniela. Opinião: Como nasce um embuste. **Época**, 24 jan. 2019. Disponível em: <https://glo.bo/3BZhLWD>. Acesso em: 03 mar. 2021

ANJOS, Anna Beatriz; MUNIZ, Bianca; FONSECA, Bruno; FERNANDES, Larissa. O Mapa da cloroquina: como governo Bolsonaro enviou 2,8 milhões de comprimidos para todo o Brasil. **Agência Pública**, 31 ago. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3k2VQrA>. Acesso em: 27 jun. 2021.

AZEVEDO, Fernando Uilherme Barbosa de. **O negócio sujo das fake news. Hackers expostos!** Veja o mundo lucrativo e antiético das *fake news*. 2017. (E-Book).

CHARLEAUX, João Paulo. Por que a extrema direita cresce no mundo, segundo este estudioso. **Nexo**, 29 set. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3z1Gmlk>. Acesso em: 08 jun. 2020.

_____. 3 motivos que levaram à vitória de Trump. E 5 consequências imediatas. **Nexo**, 09 nov. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3nnzaV2>. Acesso em: 08 jun. 2020.

DORIA, Gabriela. Bolsonaro: Cloroquina poderia ter evitado as 100 mil mortes. **Pleno News**, 13 out. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/38TWRf8>. Acesso em: 03 mar. 2021

GALLEGO, Esther Solano; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. **Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava Jato e contra a reforma de previdência**. Em Debate: Periódico de Opinião Pública e Conjuntura Política, Belo Horizonte, ano 9, n. 2, p. 35-45, ago. 2017.

GARCIA, Thaís. Estudo ambulatorial de Dr. Zelenko constata que uso precoce de zinco, hidroxicloroquina e azitromicina está associado a menos hospitalizações e mortes. **Conexão Política**, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2XcLTz3>. Acesso em: 03 mar. 2021

GLOBO”, “o. Nas últimas pesquisas eleitorais, Lula lidera intenções de voto. **O GLOBO**, 12 jul. 2017. Disponível em: <https://glo.bo/3ljQmlq>. Acesso em: 08 jun. 2020.

LADEIRA, Francisco Fernandes. Extrema-direita e meios de comunicação de massa. **Observatório da imprensa**, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3yYJfcZ>. Acesso em: 08 jun. 2020.

NALON, Tai; RIBEIRO, Amanda. Como sete sites lucraram com anúncios no Google ao publicar desinformação sobre a pandemia. **Aos Fatos**, 21 mai. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3hov9vl>. Acesso em: 17 set. 2020.

NOBRE, Marcos. A revolta conservadora. **Piauí**, dez. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/a-revolta-conservadora/>. Acesso em: 08 jun. 2020.

OLIVEIRA, Elida. Mais da metade dos brasileiros de 25 anos ou mais ainda não concluiu a educação básica, aponta IBGE. **G1**, 19 jun. 2019. Disponível em: <https://glo.bo/3A2xFPv>. Acesso em: 13 jun. 2020.

PAIERO, D; SANTORO, A, SANTOS, R. AS *FAKE NEWS* E OS PARADIGMAS DO RELATO JORNALÍSTICO in RAIS, D. **Fake news: a conexão entre a desinformação e o direito**, 2. ed. Thomson Reuters Brasil, São Paulo, 2020.

PASQUINI, Patrícia. Estudo diz que 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em *fake news*. **Valor econômico**, 02 nov. 2018. Disponível em: <https://glo.bo/2Vxu0u1>. Acesso em: 13 jun. 2020.

PETROLA, José Ismar. *Fake news* e a disputa entre grande imprensa e redes sociais na campanha eleitoral de 2018 no Brasil. In: COSTA, Maria Cristina Castilho; BLANCO, Patrícia (org.). **Liberdade de expressão e campanhas eleitorais – Brasil 2018**. São Paulo: Eca/usp, 2019. p. 110-136. Disponível em: <https://bit.ly/3l8g7v0>. Acesso em: 13 jun. 2020.

QUINTINO, João Augusto Rodriguez. **PÓS-VERDADE, FAKE NEWS E AS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018 NO BRASIL** in HARRIS, H; PAIERO, D, TRIGO, J. **TCCs selecionados em 2019**, 2. ed. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

REDAÇÃO, Da. OMS pede desculpa pelo erro na controvérsia sobre a hidroxiquina. **Jornal da Cidade Online**, 07 jun.2020. Disponível em: <https://bit.ly/3lc4L9s>. Acesso em: 03 mar. 2021

ROSER, Max. **Is the world making progress against the pandemic? We built the chart to answer this question. Our World in Data**, 08 jun. 2020. Disponível em: <https://ourworldindata.org/epi-curve-covid-19>. Acesso em: 08 jun. 2020.

Sem autor. OMS não se desculpou por reviravoltas com hidroxiquina. **Comprova**, 12 jun. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3z5xUYC>. Acesso em: 03 mar. 2021

_____. É falso que cloroquina teria salvado 100 mil vidas no Brasil, como diz Bolsonaro. **Comprova**, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3hmEofA>. Acesso em: 03 mar. 2021

_____. Estudo do médico Vladimir Zelenko com hidroxiquina não tem comprovação científica. **Comprova**, 08 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3tyqJHp>. Acesso em. 03 mar. 2021

SIMONETTO, Carlos Renato Coelho; APOLLONI, Rodrigo Wolff. *Fake news*, Pós-verdade, Fact-checking e Jornalismo de Dados: um pequeno glossário para o jornalismo. In: XX CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 2019, Porto Alegre. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Curitiba: Intercom, 2019. p. 1-15. Disponível em: <https://bit.ly/3E9AoZJ>. Acesso em: 27 jun. 2021.

TEIXEIRA, Jerônimo. Década foi marcada por nova onda conservadora e enfraquecimento de partidos. **UOL**, 29 dez. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3hlmCK2>. Acesso em: 08 jun. 2020.

"TILT". Estudo: 110 milhões de brasileiros acreditam em notícias falsas sobre covid. **UOL**, 04 mai. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3niHbKN>. Acesso em: 13 jun. 2020.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. Volume 2**. Florianópolis: Insular, 2005

Contatos: arturalvarez1997@gmail.com e denise.paiero@mackenzie.br